

## LITERATURA DE VIAGEM – IMAGINAÇÃO E NATUREZA DOS ANTIGOS E MODERNOS

**Aluna: Nathália Fernandes Soares**

**ORIENTADORA: Flávia Maria Schlee Eyler**

### Introdução

Nesse relatório tenho por objetivo demonstrar os caminhos percorridos em um ano de pesquisa acerca da “Peregrinação” de Fernão Mendes Pinto.

Nos primeiros meses de pesquisa, antes de nos debruçarmos sobre a obra de Fernão Mendes Pinto, começamos com textos teóricos, densos e informativos que nos auxiliaram a lidar com uma obra como a de Fernão que, embora lembre vários gêneros, ora literatura, ora história, não se enquadra em nenhum deles. O relato de Fernão Mendes Pinto deve ser tratado, então, como um meio de formulação da realidade, como uma construção que opera ora com o real, ora com o imaginário em um mundo que por sua vez, cada vez mais exigia uma separação discursiva entre história e ficção. Porém, antes de se tentar entender essa relação entre o real e o imaginário existente na obra de Fernão Mendes Pinto, nos era necessário poder entender e perceber que a oposição entre realidade e ficção, que faz parte do nosso saber tácito, é algo que pode ser discutível. Precisávamos saber, antes de tudo se os textos ficcionais eram de fato tão ficcionais e se os que não eram por assim dizer ficcionais se apresentavam isentos de ficção.

Para tentar conseguir responder a esse questionamento, que se faz necessário para o desenvolvimento de nossa pesquisa, li um texto de Wolfgang Iser intitulado: *Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional*. Nesse texto, Iser quando faz a formulação do fictício, entra em contato com a teoria da mimesis (sendo a mimesis definida a partir do texto por um sistema de representação que sofre a intervenção do leitor, isto é, que é produzido quando o leitor atualiza os dados da obra que lê) já que pressupõe o contato entre os três níveis de oposição: o real, o fictício e o imaginário. A inversão dessa polaridade básica, só pode ser operada pelo fictício que assim se definiria. A partir da leitura e discussão feitas sobre o texto, pudemos compreender que ficção é, pois a produção de um imaginário a partir de um real e ao mesmo tempo, a produção de um real a partir de um imaginário. A partir do momento em que a operação do texto se dá, a construção do sentido se faz. Quando se lê, se leva para o texto o que é e o que não é compreensível. No mundo do texto, se criam novos relacionamentos, se aproximam coisas que no mundo real não são aproximáveis.

Assim, a busca daquilo que seria “a verdade” no relato de Fernão Mendes Pinto deve considerar, em nossa pesquisa, o contato entre os três níveis de formulação discursiva: o real, o fictício e o imaginário. Os três aspectos estariam sempre em relação uns com os outros e não possuiriam uma definição “fora” da própria relação.

A partir desse primeiro texto do Iser, nos foi possível também compreender a estrutura do “como se”, muito presente na obra de Fernão Mendes Pinto. A estrutura do “como se” possibilita a atualização de uma experiência que só pode se dar no nível do imaginário. Isto é, o imaginário passa a ter uma existência palpável. Com base nisso, me foi possível observar uma contradição já que a teoria da mimesis é necessariamente também não mimética, ou seja, não parte do objeto a ser reproduzido e modificado, parte da necessidade de criar um objeto que ao mesmo tempo seja o objeto e sua negação.

Após ler esse capítulo, continuei com a leitura do livro do Iser; parti para o capítulo V, *O jogo do Texto*, e, a partir dele, fui capaz de aprofundar um pouco a estrutura do “como se”. Ficou claro que o significante, através do “como se”, dá a liberdade para que os signos lingüísticos se tornem livres para novos usos, sendo o significante ficcionalizado no texto, indicador do próprio jogo. Foi importante ainda, entender o paradoxo de que o significante enquanto sob o signo do “como se”, se desconecta de seu código referencial, o que designa não se determina mais por este. O significante dividido é exposto, assim, como sinal de leituras diferentes.

O último capítulo de Iser que lemos para nos ajudar a finalizar a parte teórica-inicial da pesquisa foi o capítulo intitulado *Imaginário*, do mesmo livro. Nesse capítulo, mapeamos as preliminares históricas do conceito de imaginário e procuramos estabelecer a diferenciação entre imaginário, fantasia e imaginação.

O imaginário tem caráter de evento, ou seja, quando acontece, ele modifica o mundo em que se insere vagando na consciência e rompendo resistências. O imaginário é evidenciado como função e não como substância. Portanto, é sempre num contexto relacional que ele pode ser determinado.

Como as leituras dos capítulos do livro de Iser eram leituras que necessitavam de muito tempo para serem compreendidas, pois não eram textos fáceis de ler, textos complementares foram indicados para facilitar o trabalho. Nesse sentido, lemos o texto *A ficção literária como imagem e máscara* de Isabela Fernandes. Nesse texto, a autora procura responder o que é próprio à literatura ou o que ela diz que nenhum outro discurso pode dizer, dialogando assim com as inquietações e conclusões feitas por Iser.

Terminada a leitura dos textos teóricos que nos auxiliariam a compreender a forma de abordagem pretendida com a leitura da *Peregrinação*, partimos para uma ligação mais direta com a obra por nós pesquisada.

Os estudos que até recentemente foram feitos acerca da *Peregrinação* tinham por objetivo por em cheque a veracidade do relato de Fernão. A especificidade do relato de Fernão Mendes Pinto nos obriga, então, a pensar nas distinções discursivas que são problematizadas no mundo moderno. A descoberta do Novo Mundo e os relatos de viagem possuem uma relação muito particular entre si na medida em que possibilitam a construção de novas percepções sobre o real. Desse modo, salientamos que entre os séculos XV e XVI, é possível observar uma desestruturação da base teológica medieval que, até então, orientava a vida dos homens da Europa. A crença medieval de que Deus era o único Autor da criação, e de que as ações dos homens apenas contavam para a salvação, sofre importantes modificações com a expansão marítima ocidental. O trabalho sobre o relato da *Peregrinação* pretende observar como os anseios, as ações e os desejos que formavam o “horizonte de expectativas” do início dos tempos modernos chocam-se com o horizonte medieval. O que nos interessa é a oscilação entre as verdades antigas e novas presente no seu relato tendo como eixo, sobretudo, a percepção da natureza.

Para começarmos a caminhar em direção a essa parte da pesquisa, em que procuraríamos começar a observar a partir da obra de Mendes Pinto o conceito de imaginação e natureza dos antigos e modernos, me foi proposto um texto de autoria da orientadora de pesquisa, Flávia Eyler, intitulado: *A escrita do outro em Fernão Mendes Pinto, um viajante do século XVI*.

Esse texto possibilitou-me trabalhar novamente com a indagação sobre as abordagens antes já feitas sobre a *Peregrinação*, seus aspectos textuais, o problema da veracidade ou ficcionalidade do relato do peregrino e ainda o significado político, histórico, político, ideológico e social da obra.

A partir desse texto, começamos a traçar a importância do papel da linguagem, que assumia um papel decisivo nas descrições e concepções de mundo de um homem não erudito como Fernão. O relato permitiu-me ainda articular os conceitos de ficção e verdade vistos nos textos de Iser com a obra de Fernão Mendes Pinto. *A Peregrinação*, do ponto de vista de sua recepção, interessava a um novo público que necessitava de uma factualidade efetiva e comprovável e era aí que o testemunho ocular dava a autoridade necessária à narrativa. Como eram tidos como verdades, os relatos de viagem ajudavam a alimentar as possibilidades, ora imaginárias, ora reais de conquista abrindo assim a discussão sobre a ficcionalidade e a verdade e, sobretudo, nos permitindo avaliar as mudanças no olhar sobre o mundo natural.

Nesse sentido, o relato de Fernão Mendes é de suma importância para a compreensão dos fatores que contribuíram para a transição que ocorreu na passagem da Idade Média para a Idade Moderna.

Na Idade Média, conforme lemos, tinha-se a crença em um mundo criado por meio da inteligência divina, um mundo norteado pela crença total em um criador. A distinção entre o verídico e o ficcional não era possível de ser tematizada pelo mundo medieval. Neste caso, para que um relato fosse convincente, bastava apenas que o exótico se mostrasse semelhante ao já conhecido pelo autor ou ouvinte.

A partir desse texto, foi ainda possível trabalhar como se operava o conceito de *Natureza*. Nele, os monstros dos bestiários medievais eram a prova do poder de Deus e não um questionamento desse poder ou da ordem divina. Concluímos que, quando Deus deixa de ser o foco principal da enunciação do mundo, os homens inquietam-se, querem entender sua própria diversidade. Na passagem do Medieval para a Idade Moderna, há experimentação do mundo, que sai da contemplação medieval.

O texto todo nos ajudou a entender mais essa fratura o que ela trouxe de mudança para a concepção dos homens daquela época. Podemos citar, por exemplo, a autoridade narrativa vinda do testemunho do “eu vi”.

A partir desse texto, nos foi possível também trabalhar a diferença da peregrinação medieval para a viagem moderna. Na peregrinação medieval, havia a necessidade teológica de se ver, era um sinal de reverência e não de descobrimento, diferente do que ocorria na viagem moderna, em que era aberto um caminho em direção a descoberta do outro.

A partir disso, concluímos que não havia poder nem talento especial que garantisse uma autoridade ao escritor; tal autoridade provinha da sua experiência.

Os paradigmas cristãos, como antes já mencionados, sofreram quebras nesse processo de formação no sujeito moderno, processo esse que estamos observando no relato da *Peregrinação*.

A experiência com o mundo novo rompe com a antiga visão integrada do cosmo cristão.

O último texto lido por nós nesse último estágio da pesquisa, foi um texto de Luiz Costa Lima, o capítulo II: Mendes Pinto, um extraviado da órbita do Estado que se encontra no livro: *O Redemunho do Horror*.

Esse texto, assim como o anterior de minha orientadora, me colocou mais uma vez no limiar entre o antigo e o moderno. Costa Lima ainda no seu texto, fala da ousadia do livro de Fernão e atribui o questionamento acerca da veracidade do relato ao fato de que Fernão veio a compor o livro muitos anos depois; seu relato não era como um diário de bordo.

O texto de Costa Lima se mostrou de grande utilidade para a pesquisa já que se fez capaz de reunir em um único texto o que seria necessário para começarmos, de fato, a nossa pesquisa. A partir da leitura desse último texto, foi possível organizar a

pesquisa, identificando o momento exato em que Fernão Mendes Pinto começa a sua peregrinação e o que o motivou; e ainda o que diferenciava Fernão Mendes Pinto de outros viajantes bem como a diferença do relato que por ele foi feito.

A leitura do texto possibilitou mais uma vez trabalhar com os conceitos teóricos do real, do fictício e do imaginário aprendidos na primeira fase da pesquisa, já que o texto toca nesse ponto tão peculiar da obra: a discussão sobre a veracidade.

A partir dessa última experiência de leitura, fui capaz de concluir que o estudo da obra de Fernão Mendes Pinto nos permite trabalhar com novas possibilidades de apreender o mundo moderno em formação, bem como as mudanças de paradigmas observáveis em relação ao tratamento que Fernão Mendes Pinto dá à *Natureza*, que se dessacraliza. Os fenômenos naturais assim como os homens, ora impelem Fernão para o caminho tradicional relativo ao imaginário medieval, ora para caminhos ignorados pelo autor. Contudo, ambos o guiam a outro modo de ver e de se conceber um sujeito que será identificado com o moderno, ou seja, como um sujeito psicologicamente orientado.

**Referências:**

1. COSTA LIMA, L: O redemunho do horror. **As margens do Ocidente**, São Paulo: Editora Planeta, 2003.
2. ISER, Wolfgang : **O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária/A**, Rio de Janeiro: Editora EdUERJ, 1996.
3. ARISTÓTELES: **A arte retórica**, Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
4. COSTA LIMA, L: O redemunho do horror. **As margens do Ocidente**, São Paulo: Editora Planeta, 2003.